

MENSAGENS ENGARRAFADAS

Não poucas vezes, caminhando pelas praias que costumava frequentar em manhãs ensolaradas, imaginei encontrar uma garrafa trazida pelas ondas, dentro da qual estivesse um gênio que, em agradecimento por libertá-lo, atenderia a qualquer pedido meu. Não pediria, apresso-me em esclarecer antes que meus leitores tirem conclusões erradas, nenhum queijo especial, como aquele mineiro louco pela iguaria, muito menos uma ponte para visitar o Havaí, como o cidadão que temia viagens aéreas. Digo isso porque são recorrentes as histórias engraçadas sobre garrafas perdidas no mar e gênios que saem delas, muitas das quais servem de base para piadas de mau gosto, às vezes grosseiras e politicamente incorretas. Mas o fato é que muitas pessoas lançam garrafas às ondas dos oceanos, com mensagens muitas vezes edificantes, ou até mesmo, em situações excepcionais, com pedidos de socorro, na esperança de que as correntes marítimas as levem a praias habitadas.

Foi o que aconteceu com o casal de namorados Anita e Brad em uma ilha do Canadá. Após almoço regado a vinho, resolveram escrever um bilhete romântico e colocá-lo na garrafa vazia, que foi lançada às águas do Atlântico. Treze anos depois, a garrafa veio a ser encontrada na Irlanda, a três mil e duzentos quilômetros de distância, levada que fora pelas correntes marítimas. O afortunado casal Anita e Brad, morando ainda no Canadá, onde se casaram e são pais de três filhos, muito surpresos ao saberem daquela história que mais parecia peça de ficção, só conseguiram exclamar, “éramos apenas jovens apaixonados”. Por certo, imagino que ainda continuem apaixonados, eis que, passados esses anos todos, prosseguem juntos, cuidando dos filhos e do lar. Pergunto-me, agora que

reflito sobre o caso, o que teria levado o enamorado casal a lançar às águas do mar aquela mensagem romântica, apaixonados e felizes que estavam, uma vez que certamente não ignoravam que amigos e pessoas próximas já sabiam desse namoro? Queriam, penso eu, que pessoas distantes também soubessem da felicidade que os unia. Tanto isso é certo que igualmente puseram, no bilhete, um número de telefone para que fossem contactados. E lograram, sem dúvida, esse compreensível intento.

Sempre achei que pessoas felizes, como o aludido casal, transpiram felicidade por várias partes do corpo. Os olhos brilham como reluzentes diamantes, os lábios estão sempre sorrindo e a boca dizendo palavras bonitas e agradáveis. Até os passos dessas pessoas parecem seguir o balanço e o ritmo de melodia que somente elas ouvem.

Nesse estado de espírito, essas pessoas por um lado estão sempre prontas a serem solidárias com os semelhantes, mas infelizmente por outro perdem a serenidade e se tornam até mesmo agressivas sempre que alguém lhes ameace a felicidade. A humanidade ainda tem muito que evoluir.

Quando relatei a Raimundo, o caiçara pescador do qual todos já ouviram falar, o caso da mensagem engarrafada pelo casal de canadenses, que atravessou o Atlântico e foi parar na Irlanda, onde foi achada mais de uma década depois, ele pensou, pensou e depois disse para mim: “Seu doutor, tenho lá no quintal de casa umas garrafas vazias de cerveja. “Se o senhor me ajudar, vou jogar elas” - ele sempre erra no uso de pronomes - “no mar, uma por semana, com mensagem minha, meu nome, endereço e telefone. Quem sabe alguém lá na Europa vai achar e então vou ficar famoso. Aí posso vender minha história para o Fantástico”.

Eu já sabia que Raimundo é muito bom nas pescarias, mas que tem espírito empreendedor é novidade para mim. “Só que você”, expliquei-lhe, “precisa estar sempre com os pés no chão, ou seja, somente embarcar em projetos factíveis. Isso que lhe contei da mensagem engarrafada é muito difícil de se repetir”.

Raimundo é meu amigo de longa data, por isso não perco oportunidade para ajudá-lo. Vocês que me leem, também não acham que amigos leais devem ajudar-se mutuamente? Isso é o que Erasmo - lembrem-se dele? - não perde ocasião de repetir...

**Viganó
darlyvigano@gmail.com**